

Fim-de-semana no Porto

Os domingos da família Fernandes já há muito que não são o que eram, desde que o pai foi desempregado por uma maquinação qualquer de linhas suaves e de cor esbranquiçada, como cor de branco de caixão, sempre pela trela de um tipo fininha e de gravata chinesa, a tresandar de perfume francês fábrica fora, que de uma assentada pôs, em segundos, fora, o Fernandes e mais dois colegas, que cheiravam a suor, bagaço e óleo e tinham sonhos, família e futebol na cabeça, filhos e mulher para dar de comer.

– É o progresso Fernandes, tem que ter paciência, os tempos já não são do “arroz de quinze”!

E, por isso, aos domingos e dias santos, onde a casa do Fernandes andava em reboliço, com a patroa apressada a preparar as “tripinhas”, para que o Fernandes, filhos e o vizinho de cima, o Fonseca, não chegassem atrasados às Antas.

Que domingos, senhores!

Sempre com o rádio em voz alta e com o som da meteorologia e a vizinha do lado a fazer que limpava o pó da en-

trada à “cuca” de alguma novidade em casa dos Fernandes, ou FONSECAS.

E a alegria daqueles tempos de fartura e sol, com o Fonseca a comer à pressa, com os filhos já equipados de azul e branco, a arrotar as tripas, e o aviso da mulher: “Ainda te engasgas, come devagar!”

E o Sousa a bater apressado e os “putos” a chatearem-no: “Ó Pai parece mesmo uma lesma, assim chegamos atrasados e hoje o Porto joga com o Sporting!”

E o Sporting que tem lá a Laurinda, (que é como eles chamam ao Liedson), que tem manha de sete raposas e é um artista a cair na grande área.

E a avó “Miquinhas” que tinha vindo à cidade fazer umas “chapas”, e era surda como um pneu, chegava carregada de coisinhas da terra! Salpicões, batatas, uma “viola” de presunto, tal e qual um Pai Natal de Mondim, vestidinho de preto, a andar de um lado para o outro, a perturbar a harmonia sentada da família, com tinto a correr e a broa de Avintes, fresca, mas dura como “cornos”, da qual o Fonseca só comia o

miolo.

– “Ó filhos, num poxo, estou nicada da imurridas!”

Que tempos esses, que domingos esses que só de pensar dá lágrimas!

Hoje, desempregado e com a mulher a dar uns dias, com a Mãe já entredada há anos, restam uns domingos tristes como a noite, com a rádio sempre no relato do Porto e a voz do locutor a substituir a relva, a substituir as jogadas, a cor das camisolas do Porto, o azul e branco a espelhar ao sol das Antas, a fazer de conta da emoção do público, a descrever o trajecto do esférico, a dar o cheiro da emoção, a fazer aumentar o bater do coração em jogadas perigosas dos adversários, agora só de rádio.

Aos domingos, só ele e a patroa, já que os filhos casaram e fazem pela vida fora da cidade, que já não é a mesma, que se tornou, de repente, cinzenta e sem calor.

Agora, só de rádio, aos domingos, só ele e a patroa, que anda a dieta, das tensões altas, e, de vez em quando, com a televisão, à noite.

Ramiro Cerqueira

A Misericórdia de Cerveira Cede o Hospital a Privados

Há notícias que nos fazem felizes! Fiquei a saber que o velho Hospital de Cerveira foi cedido pela Misericórdia à HOSPOR, que, por sua vez, vai pagar 3 por cento da facturação anual ou 5 por cento, quando a facturação apurada seja superior a 2,5 milhões de euros. Em relação ao serviço médico, o horário é alargado até às 23 horas.

Quero aqui felicitar o Presidente da Câmara, Sr. José Manuel Carpinheiro e o Provedor da Santa Casa, Sr. José Manuel Rebelo, por terem cedido o imóvel “para bem do povo de Cerveira em particular, e em geral, para todos os que vierem a precisar dos cuidados médicos da HOSPOR”.

O Hospital da Santa Casa de Cerveira traz-me velhas recordações do Hospital de Melgaço, propriedade da Santa Casa, onde hoje funciona o Instituto Politécnico de Viana do Castelo e onde a Santa Casa gastou 30 mil contos. Em que é que os melgacenses ficaram a ganhar? Com os 30 mil contos que se gastaram na reconstrução do edifício não se poderiam meter os cerca de 26 pobres velhos que estão em lista de espera? Não seriam mais uns quantos postos de trabalho que se criavam? Pois é, os velhos não interessam, mas são 80 por cento dos residentes no concelho. Dá mais valor ao Sr. Presidente da Câmara

ra criar um apoio ao Centro de Estágios para ali serem formados/as pessoas na área do Desporto e Lazer. Mas, Sr. Presidente, não acha que seria mais proveitoso, o Sr. ter dado aos idosos da sua terra, o que lhes pertencia por direito? Eu acredito em Deus! Ele é Justo, é Humano, é Solidário! Eu não viverei para ver mas o Sr. um dia será velho e pode ser que ainda venha a precisar do velho Hospital de Melgaço, que foi doado apenas para os mais necessitados de Melgaço. Abençoada seja esta gente de Cerveira!

Eduardo Lourenço

Agenda 21 Local do Vale do Minho presente na V Conferência Europeia de Cidades e Vilas Sustentáveis em Sevilha

A Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho e o grupo coordenador responsável pela implementação da Agenda 21 Local nos 5 concelhos do Vale do Minho estiveram presentes na “V Conferência Europeia de Cidades e Vilas Sustentáveis: Levantar os compromissos para as ruas”, que teve lugar em Sevilha nos dias 21 a 24 de Março. Esta conferência – que constituiu a continuação de uma série de outras conferências que ocorreram em Aalborg 1994, Lisboa 1996, Hannover 2000 e Aalborg 2004 – ofereceu a todos os participantes a possibilidade de terem conhecimento e contacto com os progressos e êxitos alcançados pelos governos locais europeus na implementação dos Compromissos e da Car-

ta de Aalborg e a partir daqui partirem para a sustentabilidade a nível local, bem como descobriram ferramentas e instrumentos que podem ajudar nos esforços de aceleração dessa mesma sustentabilidade.

A integração e sustentabilidade europeias; os compromissos de Aalborg e a protecção ambiental e poupança de recursos naturais foram algumas das temáticas abordadas neste evento que irá contar com a presença de mais de 1000 participantes de cerca de 60 países. O Vale do Minho foi responsável pela dinamização de uma mesa redonda dedicada à Agenda 21 Local onde foram partilhadas metodologias e definido um guia de “boas práticas”.

A Agenda 21 Local é um processo

participativo que está a ser implementado no Vale do Minho em parceria com o Grupo de Estudos Ambientais da Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa. Esta envolve vários sectores e visa atingir os objectivos da Agenda 21 a nível local, através da preparação e implementação de um Plano de Acção Estratégico de longo prazo dirigido às prioridades locais para o desenvolvimento sustentável. Trata-se de uma estratégia integrada, consistente, que procura o bem-estar social melhorando a qualidade do ambiente. Desta forma valorizam-se os recursos humanos da região e garante-se uma maior articulação e envolvimento das entidades.

Minho: força de combate contra a crise do Norte

Antigamente era muito comum ouvir-se dizer que o Porto trabalha, Coimbra estuda e Lisboa gasta. Uma constatação, afinal, do que parecia ser uma realidade. Ou seja, uma boa parte do país – o Norte, com destaque para o Minho – a trabalhar no duro, para a capital se refestelar. Verdade ou não, o certo é que os tempos passaram, muita coisa mudou e ainda hoje se continua a falar da força do Norte, como da pronúncia do Norte. Mas será que o Norte tem assim tanta força como isso?

Na verdade, o Norte deveria ter a força que verdadeiramente representa. Mas verificamos – sem que haja grandes motivos de contestação – que o Norte do País não só está cada vez mais pobre como, ao mesmo tempo, se vai afastando progressivamente das outras regiões do país. Pessimismo? Não, apenas realidade. Quando se fala em crise em Portugal, aponta-se, indubitavelmente, se não à cabeça pelo menos nos topos, a Região Norte. Que, no entanto, contribui, na globalidade, com 45% das exportações portuguesas. Mas que, na verdade, apenas é responsável por 28% da globalidade da produção nacional. Isto demonstra que a maioria das exportações do Norte continua com pouco valor acrescentado e até com poucas margens de lucro e, assim, o reinvestimento também não abunda.

Não valerá a pena estarmos, aqui e agora, a tentar escarpelizar as razões deste não-desenvolvimento da Região Norte tão necessário, suficiente e indispensável quanto seria de desejar. É um facto que é na Região Norte que o empreendedorismo mais se tem feito sentir. E, no Norte, a região do Minho tem sobressaído, inegavelmente, em muitos aspectos. Bastará observar a dinâmica que o sector empresarial privado tem imprimido em diversos sectores. As novas tecnologias – não continua Braga a ser cada vez mais a “Região do Conhecimento”? – avançam a um ritmo que muitos já consideram invejável; os sectores ligados às energias alternativas começam cada vez mais a demonstrar um incremento fundamental; a indústria diversifica-se e adapta-se (inevitavelmente) aos novos tempos. E, a acrescentar a tudo isto, existe o novo QREN. Só que...

Só que é preciso, é mesmo fundamental, que, com o novo QREN, não sejam cometidos os mesmos erros que hoje se constata terem sido uma realidade com os anteriores Quadros Comunitários de Apoio. Ao todo – e os números são já públicos e oficiais –, são cerca de 3,7 mil milhões de euros com que o QREN contempla a Região Norte, na sua amplitude. Mas é preciso gerir muito bem esta nova lufada de apoios comunitários. A Região Norte – e o Minho aí assume uma importância quicá fundamental – precisa de todo o investimento possível, mesmo o de mão-de-obra intensiva. Torna-se necessário apostar, também, no imaterial, com marcas próprias, design, marketing, conquista de novos mercados, etc. E a implementação dos centros tecnológicos é disso um exemplo flagrante, de maneira a que não se exagere no seu número. Como somos uns exagerados, começa já toda a gente a falar em construir parques tecnológicos. A França construiu muitos, destacou “clusters” para cada um deles – e vale a pena agora estudar os resultados, porque em muitos aspectos não foram tão bem sucedidos quanto se esperava.

Numa altura em que as estatísticas referem que o desemprego entrou a descer no mês de Janeiro, na mesma altura em que o Governo chefiado por José Sócrates completa dois anos em S. Bento e os estudos de opinião lhe são favoráveis (mesmo contra todas as contestações bem demarcadas que são conhecidas), num tempo em que os índices de crescimento económico, sem aumentarem ao ritmo europeu, prosseguem mesmo assim em ritmo ascendente em Portugal – é também preciso verificar que é do Norte que está a sair o maior contingente de mão-de-obra portuguesa para as terras da estranha (o caso de trabalhadores portugueses que se deslocam para a Galiza é flagrante).

O actual Governo está a fazer um grande esforço para reorganização da Administração Pública em toda a Região Norte. É essa uma das funções do PRACE (Programa de Reorganização da Administração Central do Estado), que está a ser implementado. É preciso é que o PRACE distribua o poder por todo o Norte, concretizando o forte eixo constituído pelos distritos de Braga e do Porto, que é o grande pólo dinamizador de toda a região.

É preciso, agora, dar dimensão política, social e económica a esta reorganização. Os agentes envolvidos em todas estas áreas têm que se juntar para dar dimensão criativa e massa crítica a toda esta região. Porque se a regionalização, infelizmente, não vem já, temos que viver entretanto e sair desta crise que ainda afecta o Norte. Temos que deixar a nossa atitude de minifúndio, propriedade típica da nossa região, e rapidamente encontrarmos, em conjunto, formas de não perdermos mais esta oportunidade. Inclusivamente, é preciso um rosto ou rostos para liderar a mudança; é preciso empenho e abertura de todos os responsáveis no sector público e no privado, para que a entrada do Norte no séc. XXI fique na história pela positiva.

É que o Norte tem que demonstrar ao país inteiro que tem dentro de si factores estáveis para levar ao desenvolvimento que se procura e que se reclama desde há muito tempo a esta parte. Para que, verdadeiramente, não só a pronúncia do Norte mas, principalmente, a força do Norte seja uma realidade palpável, iniludível e indiscutível – porque toda a região o merece.

Ricardo Gonçalves

Deputado do PS eleito por Braga



Praceta João XXI - 4715-036 Braga
Tel. 253 206 000 - Fax 253 206 010



Avenida da Liberdade, 96 - 4715-037 Braga
Tel. 253 614 500 - Fax 253 614 550

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.